
Eliza, em busca da mulher de onde vim¹

Elisa Elsie Costa Batista da Silva BESERRA²

Maria Ângela PAVAN³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

O trabalho é um recorte da investigação de como a maternidade pode influenciar o arquivamento de fotografias e os projetos fotográficos contemporâneos. Os relatos, o álbum de família, as fotografias avulsas e as histórias são organizadas por meio de uma conexão com questões relativas à maternidade na intenção de contextualizar e ser ponto de partida do estudo. A escolha teórico-metodológica pela etnografia e a autoetnografia fornece estratégias para coleta, armazenamento e interpretação de dados. O texto estabelece diálogo com algumas/alguns teóricas/os como Rich (2019), Gama, (2016), Navas (2017), Samain (2011), Bruno (2004) e Silva (2008).

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; etnografia; autoetnografia; maternidade; álbum de família.

A ORIGEM DO MUNDO EM UM CORPO COM ÚTERO

A maternidade vincula pessoas ao longo da história humana. Cada família tem uma linha que entrelaça e amarra mulheres e crianças. Alguns fios permanecem, outros são reforçados e não poucos rompidos, perdidos, desfeitos. Ao final, a única certeza é que nascemos de um corpo com útero e desde a formação embrionária o cordão umbilical conecta os corpos, sendo este elo cortado logo após o nascimento. Para falar de Eliza Raulino, recorri a histórias familiares protagonizadas por mulheres e que de alguma maneira se roçam pelo gerar e parir. O que pode haver em comum entre um nascimento inusitado, uma fotografia intergeracional, a imagem de uma mulher rodeada de filhos e uma casa abandonada? Esse texto pretende costurar narrativas de cada um desses quatro elementos apresentados, tendo como fio condutor a maternidade. A etnografia e a autoetnografia orientam os processos metodológicos acolhidos nesta investigação. A experiência subjetiva, as narrações e a ficção caminham e avançam juntas na escrita.

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do programa de pós graduação em Estudos da Mídia (PPgEM|UFRN) em período sanduíche na Universidad Complutense de Madrid, email: elisa.elsie.costa.058@ufrn.edu.br.

³ Orientadora da pesquisa e professora do departamento de Comunicação Social, UFRN, email: gelpavan@gmail.com.

UM NASCIMENTO, AS AVÓS E UMA CASA

O primeiro fato a conduzir esse texto é o nascimento dentro de um carro, em dezembro de 1984. Uma história ouvida e contada algumas vezes ao longo dos 39 anos em que é replicada. A memória ficciona os fatos com o passar do tempo e talvez seja responsável pela omissão e acréscimo de detalhes. A bebê nascida no Corcel azul é uma das autoras. Não há registros sonoros ou visuais desse acontecimento, com exceção da única fotografia feita pelo pai ainda no estacionamento da maternidade.

A segunda história está relacionada ao encontro com os dois álbuns de família e uma caixa de fotos avulsas guardados por Eunice Pacheco, mãe da mulher que pariu no carro. Álbuns vistos pela primeira vez em maio de 2023, durante uma estadia com a avó. Esse arquivo foi produzido pelo pai da avó, José, e atualmente é narrado por Eunice, pessoa mais velha da família. O autor colombiano Armando Silva (2008) defende o arquivo familiar sob três dimensões: visual, cultural e comunicativa. A primeira representa ou apresenta visualmente uma pessoa ou situação normalmente desaparecidos há um tempo. A segunda possui marcadores visuais tanto de uma época como de uma cultura específica. A terceira está associada à narração oral feita por uma pessoa conhecedora das histórias relativas às fotografias de um determinado arquivo visual.

A narração dos álbuns de Eunice foi tecida sem organização prévia. As lembranças fiaram o caminho entre as fotografias e o tempo. Vovó é a *guardiã da memória* (Caixeta, 2006) desse arquivo familiar iniciado por seu pai ainda solteiro e continuado por cerca de três décadas. Após a morte dele, nada foi acrescentado nos álbuns, apesar de fotografias da mesma época estarem guardadas em uma caixa de madeira e as páginas finais permanecerem vazias. Fazer fotografias e organizá-las em álbuns, pastas, cadernos ou mesmo caixas talvez seja uma das muitas maneiras do ser humano tentar definir e ordenar simbolicamente o mundo (Sontag, 2004). Pensar nesse arquivo bem como na oralidade presente na narração das fotos é um caminho para compreender como os diálogos podem ser ficcionais e adiados quando associados aos registros familiares (Beserra; Gomes; Pavan, 2023).

Apesar dos álbuns e dessas fotos avulsas, uma fotografia em particular, que não está nesse acervo, volta à memória: vovó com a filha primogênita nos braços, ao lado da mãe e da avó. Quatro gerações de mulheres em uma mesma imagem. A bebê iniciou um

novo ciclo familiar e a permanência desse conjunto feminino em um mesmo espaço tempo foi curta. As relações intergeracionais eram possibilitadas pela aproximação geográfica das famílias que formavam verdadeiras comunidades. A fotografia não está no álbum, tampouco na caixa, foi levada pela bebê da foto, Cíntia, há algumas décadas. As versões sobre a autorização ou não desse ato divergem até hoje. Lembranças de tempos significativos, imagens narradas e assim revela-se o desenho que a memória traz. Nos tornamos cada vez mais observadoras dos detalhes preciosos do mundo cultural que nos pertence, do mundo que está à nossa volta.

A terceira e quarta história estão entrelaçadas: uma avó e uma casa. É preciso voltar algumas décadas no tempo para chegar em Eliza Raulino, avó paterna de uma das autoras. Ela esteve grávida por mais de dez anos e vivenciou catorze partos vaginais. Difícil pensar em planos pessoais para além da maternidade compulsória⁴. Ela não está mais aqui para contar sua versão, deixou a vida no primeiro dia do ano de 1973. Reviro álbuns, diapositivos, memórias, em busca de uma Martins de 30 anos atrás. Talvez de 80, 90 ou 100 anos, quando ela morou na casa do Sossego⁵. Imagens vistas, outras inventadas, me aproprio de memórias pessoais e alheias. Uma imagem nunca é uma realidade simples, alerta Rancière (2012). Tento dar uma mordiscada nesse passado imagético para quem sabe reencontrar ou reconstruir os sentidos dessas imagens. E a partir delas elaborar novas tramas e fotografias. Um presente e futuro de costuras refeitas, ou um presente eterno (Silva, 2008), como se fosse possível instalar um passado e um presente contínuos.

Durante anos quis retornar à casa em que Eliza nasceu e viveu até a adolescência. A mesma casa do Sossego em que meu pai quando criança passou férias, assim como eu nas minhas férias da infância. Voltei à casa, hoje abandonada, em julho de 2022 e foi como mergulhar em um açude de lembranças. Fotografei. Relembrei a infância ao lado de irmãs e família ao mesmo tempo em que pensava como minha avó teria vivido ali. Iniciei também uma nova história com meu filho, ao visitar pela

⁴ O termo empregado por Judith Butler (2003) refere-se a esta quase obrigatoriedade social e histórica das mulheres serem mães quando inseridas no contexto de uma sociedade patriarcal.

⁵ O Sossego foi chamado por anos de *Morcego* pela família. Durante toda a infância não soube o nome oficial do local onde passávamos as férias. O terreno da casa pertencia à fazenda do Sossego, propriedade de *Papai Velho*, pai de vovó, na cidade de Martins. Sossego é até hoje o nome da localidade em que vivem os familiares dessa parte materna da família do meu pai e que pertencia ao município de Martins até 1993, quando Serrinha do Pintos (local da casa) emancipou-se politicamente.

primeira vez o local. Uma trama que permeia cinco gerações dentro de uma casa centenária. Passado, presente e futuro dividindo espaços físicos e imaginários.

Eliza me deu nome e ancestralidade. Vim dela, assim como, e principalmente, da minha mãe, Cíntia. Poucas fotografias restam da existência de vovó. Em uma delas, está sentada, rodeada de alguns dos filhos e o que parece ser uma toalha de mesa orna o muro atrás da família. Desconheço seu sorriso, sua voz, seu cheiro. Tento montar uma mulher inteira a partir de fragmentos encontrados em relatos orais e fotografias soltas em arquivos pessoais em um processo de arranjo visual da memória (Bruno, 2004). Em outra fotografia ela está perfilada, cabelo preso, óculos, vestido florido, um tipo de fotografia de documento, em formato pequeno. Ao pensar nessa foto, imaginava o vestido com flores azuis, porém ambas fotografias são em preto e branco.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

O nascimento no carro, a avó materna nos álbuns, a avó paterna e a casa no Sossego entrelaçam histórias familiares conectadas de alguma maneira aos aspectos da maternidade. Cíntia com a bebê no banco do carro após parir. Eunice com a primogênita no colo ao lado da mãe e da avó. Eliza cercada por filhos e a casa abandonada. Histórias enredadas por conexões sanguíneas proporcionadas pelo gerar e nascer. Relações afetivas estabelecidas ao longo de décadas e perpetuadas visualmente por fotografias que perduraram apesar do tempo.

Através de dados arquivais, como fotografias, diapositivos, notas e cartas; dados extraídos de conversas presenciais, de mensagens instantâneas e de áudios; notas de campo, como as anotações, fotografias e gravações de relatos (Kozinets, 2014) organizo procedimentos metodológicos etnográficos com a finalidade de recuperar arquivos imagéticos familiares bem como informações. Revisito fotografias digitais mais recentes, feitas da avó Eunice e da casa no Sossego, e a partir delas intento construir uma história de encontros e memórias. Nesse recorte, chego à etnografia como uma formulação teórico-metodológica (Peirano, 2014) em uma pesquisa de campo pessoal e afetiva ao mesmo tempo cultural e histórica. Faço perguntas aos familiares, fotografo, desenho, organizo informações e revisito lembranças desse lugar-tempo.

Tendo em mente a coleta e vivência penso no fazer autoetnográfico por reconhecer a inclusão da experiência da sujeita tanto ao definir o que será pesquisado

quanto no próprio desenvolvimento da pesquisa, entendendo que a experiência pessoal pode influenciar o processo de investigação e escrita (Ellis; Adams; Bochner, 2010). Tomo emprestada a citação da pesquisadora Carolyn Ellis (1999) no texto de Cláudia Pereira (2019) ao considerar a autoetnografia como um gênero autobiográfico de escrita e pesquisa capaz de revelar várias camadas de consciência: "Os autoetnógrafos observam atentamente, [...] primeiro através de uma lente etnográfica grande angular [...] depois, eles olham para dentro, expondo um eu vulnerável que é movido e pode se mover, refratar e resistir a interpretações culturais". Uma metodologia e abordagem cuja escrita reconhece e envolve a subjetividade e a emotividade (Santos, 2017), possibilitando disputas de narrativas, especialmente contra invisibilidades e silenciamentos.

Como objetivo principal, pretendo seguir nas investigações de como conexões físicas e afetivas da maternidade reverberam na fotografia familiar e como esses vínculos podem influenciar a produção pessoal artística contemporânea e as prioridades no arquivamento. Por meio da ressignificação de memórias, organização e produção de fotografias, articulo a etapa visual e prática à textualização dos fenômenos (Fortin; Gosselin, 2014; Cezar, 2014). Coincido mais uma vez com Mariza Peirano (2014, p. 386) quando considera "ultrapassar o senso comum quanto aos usos da linguagem" na feitura de uma pesquisa etnográfica em relação ao texto produzido, para a pesquisadora, as "palavras *fazem* coisas, trazem consequências, realizam tarefas, comunicam e produzem resultados".

Aproximo a noção textual à fotografia ao possuir o mesmo poder de trazer para si e consigo elementos de uma linguagem comunicativa através das características visuais, composições e opções estéticas. Resgatar memórias e construir novas representações visuais da mulher mãe em suas relações familiares e sociais tornaram-se urgentes desde a gravidez e nascimento do meu filho. Sigo buscando esse fio que conecta fotografias, textos, relatos, e lembranças.

Etienne Samain (2011, p.40) defende que imagens "não são meros "objetos", nem apenas cortes no tempo e golpes no espaço. São "atos", memórias, questionamentos e, [...] visões e prefigurações". Dessa maneira, se "as imagens são nossos próprios olhos, elas são, também, os reflexos e os rastros de uma longa história de olhares que nos precederam, os fluxos e refluxos do presente, as pistas e as

antevisões da longa aventura humana" (*ibidem*). Nesse trecho, o autor analisa a obra do atlas Mnemosyne feita pelo alemão Aby Warburg. Momentaneamente pego emprestado o pensamento sobre a fotografia como um ato e memória. O ato da tomada fotográfica é permeado pela ação da própria feitura da fotografia: a organização das pessoas e objetos em um determinado espaço, o enquadramento, o tempo de espera e a ação de pressionar um botão que irá movimentar os mecanismos internos da câmera. O ato é capaz de congelar, fixar e perpetuar um momento presente, rapidamente feito passado, para um futuro, sobre o qual é difícil manter qualquer controle. Afinal, a recepção de uma fotografia foge à influência de quem a produz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A longa história de olhares que nos antecedem e nos acompanham talvez esteja gravada e cravada nas imagens familiares. Num fluxo permanente entre o presente, passado e futuro. Na tentativa de compreender esse fluxo, faço perguntas para tias, primas e ao meu pai sobre minha avó paterna. Questiono sobre gravidez, parto, amamentação, cuidados. As lembranças são poucas ou inexistentes. Minha tia mais velha, Maria Celi (93 anos), a mesma que contratou o fotógrafo para registrar a mãe com os filhos, perdeu a memória e a visão, hoje comunica-se por monossílabos. "Se ela tivesse a mente boa, poderia falar", me disse Eurismar (Mazinha) a única irmã de papai com alguma recordação da mãe. "Não lembro de ter ficado no braço da minha mãe, quem me criou foi Maria Celi", completa. Ninguém lembra de Eliza Raulino grávida. Das 14 gravidezes, nenhuma está registrada em imagens físicas ou mentais. Da mesma maneira, não há registros visuais dela na casa da família, hoje abandonada.

A maternidade (Rich, 2019) guia a coleta de informações e produção fotográfica contemporânea por meio das relações estabelecidas com o álbum, fotografias avulsas e as memórias familiares. O texto tem a intenção de validar, produzir e reunir o conhecimento associado ao pressuposto de que as conexões físicas e afetivas da maternidade podem atravessar a produção artística contemporânea pessoal desde a fotografia de família produzida documentalmente, artisticamente e ficcionalmente. Pensar a maternidade neste trabalho é também pensar na minha mãe, nas minhas duas avós e no meu filho. Um cordão umbilical imaginário que une gerações de mulheres e de histórias.

REFERÊNCIAS

- BESERRA, Elisa Elsie; GOMES, Mariana; PAVAN, Ângela. **A fotografia e os diálogos adiados e ficcionais no álbum de família**. 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202318324664dd407e8ed59.pdf. Acesso em 12 jun. 2024.
- BRUNO, Fabiana. **Retratos da velhice**: Um duplo percurso: metodológico e cognitivo. Revista RESGATE(13). P 177- 184, 2004.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CAIXETA, Juliana Eugênia. **Guardiãs da memória**: tecendo significados de si, suas fotografias e seus objetos. 2006. Tese. 224 f. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- CEZAR, Lilian Sagio. **O estatuto da fotografia e a pesquisa etnográfica**: direito de uso de imagem e representação autorizada. In: **Antropologia Visual**: perspectivas de ensino e pesquisa. Org: FERAZ, Ana Lúcia; MENDONÇA, João Martinho. Brasília, ABA, 2014.
- ELLIS, Carolyn.; ADAMS, Tony. E.; BOCHNER, Arthur. P. **Autoethnography**: An Overview. Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research, v. 12, n. 1, 24 Nov. 2010. Disponível em: <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1589/3096>. Acesso em 10 jun. 2024.
- FORTIN, S.; GOSSELIN, P. **Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico**. ARJ - Art Research Journal, [S.l.], v.1, n.1, p.1-17, maio 2014. ISSN: 2357-9978. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/428259380/Consideracoes-Metodologicas-Para-a-Pesquisa-Em-Arte-No-Meio-Academico>. Acesso em: 12 jun. 2024.
- KOZINETS, Robert. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.
- PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes antropológicos, ano 20, n.42, p. 377-391, jul-dez, Porto Alegre. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>. Acesso em 11 jun. 2024.
- PEREIRA, Claudia. **Autoetnografia, Filhos e Reflexividade Científica**: Algumas Questões Metodológicas de Uma Investigadora Que Também é Mãe, Atas CIAIQ2019, Investigação Qualitativa em Ciências Sociais//Investigación Cualitativa en Ciencias Sociales. Volume 3. p. 18-27. 2019.
- RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- RICH, Adrienne. **Nacemos de mujer**: la maternidad como experiencia e institución. Traficantes de Sueños. Tradução Ana Becciu. Madri, 2019.
- SAMAIN, Etienne. **As “Mnemosyne(s)” de Aby Warburg**: Entre Antropologia, Imagens e Arte. Revista Poiésis, Rio de Janeiro, nº 17, p. 29-51, Jul. 2011.
- SANTOS, Silvio. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica**: atores, perspectivas e desafios, 2017. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24., p.214-241, 2017.
- SILVA, Armando. **Álbum de família**: a imagem de nós mesmos. Tradução: Sandra Martha Dolinsk. São Paulo: Edições SESC SP, 2008.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004